Aparatos :: Júlia Lopes de Almeida

# A família Medeiros

\textbf{Júlia Lopes de Almeida} nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862. Considerada um verdadeiro fenômeno literário, escreveu romances, contos, novelas, peças teatrais, crônicas, ensaios, livros didáticos e infantis. Estreou como escritora em 1881, incentivada pelo pai, com a crônica sobre a atriz italiana Gemma Cuniberti, publicada na \textit{Gazeta de Campinas}, e atuou como cronista nos mais importantes jornais do país. Entusiasta da modernidade e das mentalidades daquele período de efervescência cultural e intenso otimismo, formou em seus textos um amplo painel da Belle Époque carioca. Seu primeiro romance, \textit{Memórias de Marta}, foi publicado em folhetim, na \textit{Tribuna Liberal}, do Rio de Janeiro, de 1888 a 1889. Nele, registrou as condições desumanas vivenciadas pelos moradores de cortiços. Depois, publicou \textit{A família Medeiros}, \textit{A viúva Simões}, \textit{A falência}, \textit{A intrusa}, \textit{Cruel amor}, \textit{Correio da roça}, \textit{A Silveirinha}, \textit{Pássaro tonto} e \textit{O funil do diabo}. Em parceria com o marido, o poeta português Filinto de Almeida, publicou \textit{A casa verde}, sob o pseudônimo A.\,Julinto. Com a irmã Adelina Lopes Vieira, escreveu \textit{Contos infantis}, livro destinado ao uso nas escolas primárias. Em seu casarão no bairro de Santa Teresa, oferecia celebrados saraus nos jardins, então conhecidos como \textit{Salão Verde}. Atuou ativamente no meio literário, jornalístico e intelectual brasileiro, e foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, porém não integrou a lista oficial por ser mulher. Lutou pela emancipação feminina, aconselhou mulheres a trabalharem e terem sua própria fonte de renda para não dependerem dos homens, criticou filósofos misóginos, contestou severamente a falta de educação para as mulheres, mas, sobretudo, o tipo de educação que recebiam em casa, destinada apenas ao casamento e à futilidade. Morreu em 1934 e, desde então, foi gradativa e injustamente alijada da memória e história literárias.

\textbf{A família Medeiros} (1892) é o segundo romance de Júlia Lopes de Almeida. Ambientado em Campinas, no estado de São Paulo, retrata os costumes e conflitos entre as gerações da família do Comendador Medeiros: enquanto esse cafeicultor resiste à emancipação dos escravizados e à valorização do trabalho assalariado, Eva, sua sobrinha, e Otávio, seu filho, enfrentam-lhe o conservadorismo e defendem abertamente os ideais abolicionistas e republicanos. Esses embates correspondem, no conjunto do romance, à resistência dos escravizados da Fazenda Genoveva, que articulam um levante pela própria libertação, e ao projeto inovador de Eva na administração dos negócios da Fazenda Mangueiral, herdada ao pai, cujos negócios são conduzidos com respeito à dignidade humana por meio da partilha dos lucros. Com o propósito de sensibilizar o público da época quanto à brutalidade da escravidão, Júlia Lopes de Almeida registrou o ambiente social e político paulista dos últimos anos do século \textsc{xix}, descrevendo o sofrimento dos escravizados e suas formas de resistência, como as revoltas contra os proprietários e os quilombos.

\pagebreak

\thispagestyle{empty}

\textbf{Anne Faedrich} é doutora em Letras, com especialização em Teoria da Literatura (\textsc{pucrs}), professora de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense (\textsc{uff}) e coordenadora do projeto de pesquisa \textit{Literatura de autoria feminina na belle époque brasileira: memória, esquecimento e repertórios de exclusão}. É autora de \textit{Teorias da autoficção} (\textsc{e}d\textsc{uerj}, 2022) e \textit{Escritoras silenciadas} (Macabéa/\,Fundação Biblioteca Nacional, 2022).

\textbf{Rafael Balseiro Zin} é sociólogo e doutor em Ciências Sociais, pela \textsc{puc--sp}, onde atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp/\,\textsc{cnp}q). Nos últimos anos, entre outros temas, tem se dedicado a investigar a trajetória intelectual das escritoras abolicionistas no Brasil, com especial atenção ao legado de Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida.

\textbf{Metabiblioteca} foi pensada para edições anotadas ou obras completas de cânones da literatura em língua portuguesa. As edições propõem desde estabelecimento de textos até novas hipóteses de leitura.

# A viúva Simões

\textbf{A viúva Simões} foi publicado em folhetim em 1895 e como livro em 1897. Trata-se da história de Ernestina, jovem viúva de 36 anos, que tenta conciliar o papel que a sociedade carioca do fim do século \textsc{xix} espera que ela cumpra --- o de mãe recatada, recém-enlutada, dedicada apenas à educação da filha e ao zelo do lar sem marido --- com o íntimo e palpitante desejo de entregar-se ao relacionamento amoroso com Luciano, amor antigo da adolescência que retorna ao Brasil depois de longa estadia na Europa, disposto a reatar a paixão da juventude. Por mais que tente ocultar aos olhos da filha e da sociedade os encontros com o antigo namorado, Ernestina deixa transparecer as mudanças que nela se operam e acaba em uma situação conflituosa e infeliz, de desajuste, vagando entre duas identidades incompatíveis, ao tentar se enquadrar nos padrões de comportamento e escapar a eles, ao mesmo tempo. Considerados menores pela crítica da época, os temas explorados neste romance são hoje recuperados pela crítica feminista e convidam a analisar os mecanismos de controle impostos às mulheres.

\textbf{Júlia Lopes de Almeida} nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862. Considerada um verdadeiro fenômeno literário, escreveu romances, contos, novelas, peças teatrais, crônicas, ensaios, livros didáticos e infantis. Estreou como escritora em 1881, incentivada pelo pai, com a crônica sobre a atriz italiana Gemma Cuniberti, publicada na \textit{Gazeta de Campinas}, e atuou como cronista nos mais importantes jornais do país. Entusiasta da modernidade e das mentalidades daquele período de efervescência cultural e intenso otimismo, formou em seus textos um amplo painel da Belle Époque carioca. Seu primeiro romance, \textit{Memórias de Marta}, foi publicado em folhetim, na \textit{Tribuna Liberal}, do Rio de Janeiro, de 1888 a 1889. Nele, registrou as condições desumanas vivenciadas pelos moradores de cortiços. Depois, publicou \textit{A família Medeiros}, \textit{A viúva Simões}, \textit{A falência}, \textit{A intrusa}, \textit{Cruel amor}, \textit{Correio da roça}, \textit{A Silveirinha}, \textit{Pássaro tonto} e \textit{O funil do diabo}. Em parceria com o marido, o poeta português Filinto de Almeida, publicou \textit{A casa verde}, sob o pseudônimo A.\,Julinto. Com a irmã Adelina Lopes Vieira, escreveu \textit{Contos infantis}, livro destinado ao uso nas escolas primárias. Em seu casarão no bairro de Santa Teresa, oferecia celebrados saraus nos jardins, então conhecidos como \textit{Salão Verde}. Atuou ativamente no meio literário, jornalístico e intelectual brasileiro, e foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, porém não integrou a lista oficial por ser mulher. Lutou pela emancipação feminina, aconselhou mulheres a trabalharem e terem sua própria fonte de renda para não dependerem dos homens, criticou filósofos misóginos, contestou severamente a falta de educação para as mulheres, mas, sobretudo, o tipo de educação que recebiam em casa, destinada apenas ao casamento e à futilidade. Morreu em 1934 e, desde então, foi gradativa e injustamente alijada da memória e história literárias.

\pagebreak

\thispagestyle{empty}

\textbf{Anne Faedrich} é doutora em Letras, com especialização em Teoria da Literatura (\textsc{pucrs}), professora de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense (\textsc{uff}) e coordenadora do projeto de pesquisa \textit{Literatura de autoria feminina na belle époque brasileira: memória, esquecimento e repertórios de exclusão}. É autora de \textit{Teorias da autoficção} (\textsc{e}d\textsc{uerj}, 2022) e \textit{Escritoras silenciadas} (Macabéa/\,Fundação Biblioteca Nacional, 2022).

\textbf{Rafael Balseiro Zin} é sociólogo e doutor em Ciências Sociais, pela \textsc{puc--sp}, onde atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp/\,\textsc{cnp}q). Nos últimos anos, entre outros temas, tem se dedicado a investigar a trajetória intelectual das escritoras abolicionistas no Brasil, com especial atenção ao legado de Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida.

\textbf{Gabriela Simonettti Trevisan} é doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre e graduada em História pela mesma instituição, professora do Ensino Básico e autora do livro \emph{A escrita feminista de Júlia Lopes de Almeida} (2021).

\textbf{Metabiblioteca} foi pensada para edições anotadas ou obras completas de cânones da literatura em língua portuguesa. As edições propõem desde estabelecimento de textos até novas hipóteses de leitura.